



A LEITURA DOS IMPLÍCITOS EM LETRAS DE MÚSICAS

COIMBRA, Ana Paula Gomes¹; SOUZA, Antonio Escandiel de²

Resumo: Este trabalho apresenta o resultado de uma análise dos implícitos presentes nas letras das músicas "Meu mundo é o barro" e "A minha alma (a paz que eu não quero)", ambas da banda "O Rappa". A análise teve como objetivo identificar os pressupostos e subentendidos utilizados nos textos e, para tanto, utilizou-se um modelo de análise proposto por Zandwais (1990), Constatou-se que as letras das músicas analisadas são ricas em implícitos e que estes podem ser considerados como importantes estratégias quando o que se quer dizer não pode ser dito explicitamente.

Palavras-Chave: Leitura. Músicas. Análise. Implícitos

Abstract : This paper presents the results of an analysis of the implied present the lyrics "My world is mud" and "My soul (the peace that I do not want)," both from the band "O Rappa". The analysis aimed to identify the assumptions used and implied in the texts and, therefore, it was used an analysis model proposed by Zandwais (1990), found that the lyrics are rich in implicit analyzed and that these can be considered important strategies when what is meant can not be said explicitly.

Key Words: Reading. Lyrics. Analysis. Implicits.

Introdução

O uso da língua, em suas diferentes formas, cada vez mais, está presente no nosso cotidiano. Através da fala, da escrita, de imagens, e outros, é possível passarmos e/ou obtermos informações, visto que textos, discursos, músicas e figuras são tidos como formas distintas de apresentação da língua.

No entanto, muitas vezes, as informações presentes na letra de uma música, por exemplo, só podem ser identificadas por meio da análise dos implícitos, que

1 Graduada em Letras Português/Inglês pela Universidade de Cruz Alta, professora da rede pública de ensino de Cruz Alta/RS. Email: aninha_p._coimbra@hotmail.com

2 Doutor em Linguística Aplicada pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Docente e pesquisador Líder do Grupo de Estudos Linguísticos – GEL/UNICRUZ, Diretor do Centro de Ciências Humanas e Comunicação na Universidade de Cruz Alta. Email: asouza@unicruz.edu.br



quando em uso, acabam dificultando o entendimento do leitor ou ouvinte. Conforme França (2012):

Leva-se em conta as categorias de análise postas, pressupostos e subentendidos como partes de uma análise ampla de um texto, pois a leitura não se dá apenas no dito (no posto), mas, principalmente, também no que não está dito (nos implícitos), ativados pelos pressupostos e subentendidos, por meio de elementos linguísticos e pragmáticos. (p.62)

Sendo assim, as estratégias de leitura dos implícitos configuram-se como essenciais ao processo de desenvolvimento da leitura. São elas, tidas como procedimentos que podem – e devem - ser adotados pelo leitor com o propósito de analisar e compreender o objeto de leitura.

Conforme Solé (1998, p. 70):

Se as estratégias de leitura são procedimentos e os procedimentos são conteúdos de ensino, então é preciso ensinar estratégias para a compreensão de textos. [...] Se considerarmos que as estratégias de leitura são procedimentos de ordem elevada que envolve o cognitivo e o metacognitivo, no ensino podem ser tratadas como técnicas precisas, receitas infalíveis ou habilidades específicas.

As estratégias de leitura facilitam e auxiliam o leitor no ato de interpretar e compreender. Todavia, deve-se levar em consideração que esses processos, sozinhos, não são válidos, pois para interpretar é preciso compreender e para compreender é preciso interpretar.

Pensando nas dificuldades encontradas por algumas pessoas em compreender o que ouvem ou leem, devido às informações implícitas, decidiu-se analisar a presença de informações implícitas em algumas letras de músicas. Para tanto, realizou-se uma análise criteriosa dos pressupostos e subentendidos presentes nas músicas “Meu mundo é o barro” e “A minha alma (a paz que eu não quero)”, ambas da banda “O Rappa”..

Metodologia e/ou Material e Métodos

Para proceder a análise proposta, realizou-se uma pesquisa bibliográfica com o embasamento teórico de Zandwais (1990), França (2012), Sole (1998), entre outros. Ressalta-se que o estudo realizado teve como base um modelo apresentado por Zandwais (1990),



Resultados e Discussões

Considerando a discussão teórica estabelecida acerca da importância dos pressupostos e subentendidos, vale ressaltar que, quando se trata de letras de músicas, obtêm-se uma grande fonte para a análise dos implícitos, visto que, muitas vezes, os compositores percebem este gênero como forma de expressarem o que pensam a respeito de determinado assunto.

Nesta perspectiva, o ato de pressupor passa a ser visto como um tipo de ato de fala particular, do qual se servem os usuários da língua, para veicular um número ilimitado de informações que não podem ser colocadas sob sua responsabilidade, senão quando apreendidas (ZANDWAIS, 1990, p. 23).

Isto posto, percebe-se que quando se utiliza o ato da fala ou da escrita, muitas vezes, pode-se explorar as informações implícitas como forma de não comprometer-se com a fala e, mesmo assim, expressar o que se pensa.

Vê-se isto, frequentemente, em letras de músicas. Geralmente, o autor diz o que pensa através de metáforas e implicações, que muitas vezes, só podem ser vistas através da leitura das entrelinhas.

Desta forma, optou-se por analisar as letras das músicas “Meu mundo é o Barro” (Anexo A) e “A minha alma (A paz que eu não quero)” (Anexo B), da banda “O Rappa”, as quais são ricas em informações implícitas.

Análise da letra da música “Meu mundo é o barro”

E1 Moço, peço licença

E2 Eu sou novo aqui

E3 Não tenho trabalho, nem passe, eu sou novo aqui

E4 Não tenho trabalho, nem classe, eu sou novo aqui

Percebe-se, em relação às pessoas do discurso, que apenas uma delas pratica a ação. A1³ pratica as ações ao longo da letra da música e A2 é apenas citado em alguns trechos. Contudo, ele utiliza-se do termo “moço” para generalizar, idealizar ou representar alguém.

³ Utilizou-se a letra “A”, nesta análise, como abreviação para o termo “participante do discurso”. Assim, A1 é o participante 1 e assim sucessivamente.



Considerando os enunciados, observam-se em E1 e E2 os seguintes pressupostos:

Pp1: A1 pede licença para fazer algo;

Pp2: A1 é considerado novo no lugar.

Tendo em vista o modelo de análise utilizado por Zandwais (1990), veja-se alguns pressupostos em relação a E3 e E4:

Pp1: A1 está desempregado.

Pp2: Podemos considerar o passe como uma autorização ou permissão.

Logo, A1 não tem autonomia ou autorização para fazer o que quiser por ser novo no lugar;

Pp3: A1 considera-se sem classe, não se encaixa em alguma classe de pessoas.

Quanto aos subentendidos, verifica-se o seguinte:

S1: Considera-se A1 uma pessoa desprivilegiada, por não ter emprego, não se enquadrar em nenhuma classe social, não ter passe;

S2: A1 não tem passe e, conseqüentemente, não tem autorização para ir aonde quer.

S3: O lugar onde A1 está chegando, pode ser comparado à sociedade, pois se acredita que ele chega renovado, novo ali, porém, em condições precárias.

Assim, de acordo com Zandwais (1990, p.32) pode-se considerar que:

[...] Enquanto os pressupostos produzem informações já dadas pelos itens gramaticais e lexicais que constituem os enunciados, os subentendidos se constituem em informações novas que podem ser obtidas pelo interlocutor, a partir de um cálculo semântico-discursivo.

Sendo assim, verifica-se que os pressupostos ocorrem através do léxico, enquanto os subentendidos são compreendidos pelo entendimento e interpretação do interlocutor.

E1 Eu tenho fé, fé

E2 Que um dia vai ouvir falar de um cara que era só um Zé, Zé

E3 Não é noticiário de jornal, não é, é

Em E1, E2, e E3, encontra-se os seguintes pressupostos e subentendidos:

Pp1: A1 tem fé, acredita em alguém ou alguma coisa;



Pp2: Há alguém em que se pode ter fé;

Pp3: A1 acredita que alguém, de modo geral, ouvirá falar de um Zé.

Pp4: Existe alguém considerado um Zé.

Pp5: O noticiário é um meio de ouvir falar de alguém, ou seja, um meio de comunicação e informação.

Pp6: Existem outros meios de informações pelo qual se pode ouvir falar de alguém.

Pp7: Alguém vai ouvir falar de A1.

Ss1: A1 acredita que um dia se dará bem na vida, que não será mais considerado um Zé, de Zé Ninguém.

Ss2: A1 será reconhecido, mas de uma forma boa, sem ser em um noticiário de jornal, como um bandido.

Já no trecho 3, observa-se os seguintes enunciados:

E1: Sou quase um cara

E2: Não tenho cor, nem padrinho

E3: Nasci no mundo, sou sozinho

E4: Não tenho pressa, não tenho plano, não tenho dono

Quanto aos pressupostos e subentendidos, nota-se:

Pp1: A1 não se considera um homem completo, pois utiliza o termo "quase".

Pp2: A1 considera-se sem cor e sem padrinho.

Pp3: A1 é solitário, não tem ninguém ao seu lado.

Pp4: A1 não tem dono, o que reforça o fato de ser solitário

S1: A1 não se considera um ser completo, que não quer ser representado pela sua cor, pelas pessoas ao seu redor, consideradas padrinhos ou madrinhas, que não quer ser rotulado.

S2: A1 não tem pressa na vida e nem planos para ela. Alguém que deixa tudo acontecer sozinho.

Ao tratar de um tema que, muitas vezes, repercute a grande divergência de ideias, como a opção religiosa, observa-se que aquilo que não se deve dizer sob pena de criar-se um confronto com o interlocutor, pode ser dito de forma indireta, de modo que as responsabilidades das conclusões obtidas pelos interlocutores não



recaiam sob o locutor. E deste modo, o segundo pode sempre isentar-se de eventuais acusações que lhe possam ser feitas (ZANDWAIS,1990, p. 34).

Dando sequência ao estudo, analisaram-se os seguintes enunciados:

E1 Tentei ser crente

E2 Mas, meu cristo é diferente

E3 A sombra dele é sem cruz, dele é sem cruz

E4 No meio daquela luz, daquela luz

Pp1: A1 tentou acreditar em Deus

Pp2: A1 percebeu que não é com o cristianismo com o qual se identifica.

Pp3: Existe um Cristo com sombra de cruz.

Pp4: Quando o Deus de que A1 fala é colocado à luz, produz uma sombra de cruz.

S1: A1 tentou crer em Deus, em alguma religião, porém não se identificou com nenhuma, o que remete à origem do estilo da banda e às crenças dos integrantes, que são Umbandistas.

O trecho 5, no entanto, compreende os seguintes pressupostos e subentendidos:

E1: E eu voltei pro mundo aqui embaixo

E2: Minha vida corre plana

E3: Comecei errado, mas hoje eu tô ciente

E4: Tô tentando, se possível, zerar do começo e repetir o play

Pp1: A1 já havia estado no mundo "ali embaixo"

Pp2: A vida de A1 está correndo de forma plana.

Pp3: A1 havia feito coisas erradas, não tinha consciência do certo ou errado, porém, agora, tem consciência.

Pp4: A1 tenta e espera recomeçar para repetir o play

S1: A1 está procurando reorganizar sua vida calmamente, sem altos e baixos, tentando iniciá-la novamente

Observa-se, neste trecho, a exploração da figura de linguagem chamada metáfora, em que a vida é comparada a um rádio, fita ou vídeo.

No último trecho da letra da música, tem-se a presença dos implícitos para justificar atos e atitudes de A1.



E1 Não me escoro em outro e nem cachaça

E2 O que fiz tinha muita procedência

E3 Eu me seguro em minha palavra

E4 Em minha mão, em minha lavra

Pp1: Existem pessoas que se escoram nos outros e em bebidas alcoólicas.

Pp2: A1 fez algo com procedência

Pp3: A1 se assegura com suas palavras, com as mãos e com seu trabalho.

S1: A1 não vê a saída de seus problemas em outras pessoas ou em bebida alcoólica.

S2: A1 teve razão para agir.

S3: A1 vê a saída para seus problemas através das palavras, do uso das mãos para o toque dos instrumentos, o que, conseqüentemente, retrata a realidade da banda, ou seja, cantar e tocar fazendo música.

Observa-se que, através do uso das informações implícitas encontradas na letra de música analisada, vê-se também uma grande abordagem à crítica social, à insatisfação em relação aos rótulos atribuídos às pessoas e às atitudes do ser humano em meio à sociedade.

Dessa forma, compreende-se que os implícitos foram utilizados com o intuito de criticar sem comprometer o locutor, visando também conscientizar o interlocutor sobre o que pensam de determinado assunto.

Conforme afirma Zandwais (1990, p. 40):

É, portanto, com base em todas as situações elucidativas já expostas que se pode concluir que decodificar subentendidos nos atos de fala não implica simplesmente tentativas de apreender o que o falante diz, mas o que ele pretende dizer com o que diz, para o interlocutor.

Isso pode ser visto também, na música "A minha alma (a paz que eu não quero)", onde observamos outra crítica à sociedade feita pela banda.

Análise da letra da música "A minha alma (a paz que eu não quero)"

Na tentativa de extrair os sentidos não literais da letra da música acima mencionada, foram analisados os seguintes enunciados:



E1 A minha alma 'tá' armada e apontada,

E2 Para a cara do sossego!

E3 Pois paz sem voz, paz sem voz

E4 Não é paz, é medo!

Nessa estrofe, inicialmente, pode-se perceber que o narrador se encontra em primeira pessoa, porém, não fala de suas atitudes, diferentemente, vistas na música anterior, em que A1 era o narrador, mas descrevia seus atos ao longo da letra da música.

Além disso, considerou-se também os presentes implícitos:

Pp1: A alma do narrador está em frente ao sossego.

Pp2: A paz, sem voz, não pode ser caracterizada como paz, mas sim como medo.

Pp3: A paz é tida, também, como medo.

S1: A alma do falante procura sossego.

S2: O narrador acredita que quando silenciado pela sociedade, não está tendo paz, mas sim, sendo amedrontado.

Em todas as letras de música da banda e, especificamente, na segunda letra analisada, percebe-se que o falante já possui um conhecimento prévio do modo como a sociedade vem sendo transformada no decorrer do tempo, pois ressalta que a liberdade e a paz desejada por todos, está sendo transformada em medo.

Nesta perspectiva, Zandwais ressalta que, para conseguir compreender o que o locutor pretende dizer, é necessário que se conheça previamente, pelo menos parte do assunto que está sendo dito.

É, pois, a partir desta acepção que se pode caracterizar o ato de decodificar subentendidos, como translinguístico, já que a compreensão daquilo que está mascarado no discurso depende, necessariamente, do conhecimento das circunstâncias históricas que originaram o dizer (1990, p. 40).

No segundo trecho da letra, o objeto o qual o falante refere-se não é mais a sua alma, passando a ser, a sua vida.

E1 Às vezes eu falo com a vida,

E2 Às vezes é ela quem diz:

E3 Qual a paz que eu não quero conservar,

E4 'Prá' tentar ser feliz?"



Pp1: O falante fala com a vida

Pp2: A vida do falante utiliza-se da fala.

Pp3: Existe uma paz que não é conservada;

Pp4: A vida, ou o falante, tentam ser felizes.

S1: Por vezes, o narrador fala com ele mesmo e reflete sobre paz que precisa para ser feliz.

Outro termo a ser analisado nessa estrofe, em E1 e E2, é o fato do autor utilizar-se da figura de linguagem personificação, em que a vida, referida nos enunciados, passa a praticar uma ação feita por seres humanos, o ato de dizer, responder, de conversar com o falante.

Em relação ao terceiro trecho da música, pode-se verificar que os enunciados, também, são ricos em implícitos.

E1 As grades do condomínio

E2 São prá trazer proteção

E3 Mas também trazem a dúvida

E4 Se é você que tá nessa prisão

Pp1: Existem grades no condomínio

Pp2: As grades estão no condomínio são para proteger

Pp3: Existem dúvidas quanto às grades do condomínio

Pp3: Existe uma prisão

Pp4: O condomínio precisa de proteção

S1: Ao ter grades no condomínio acabamos por nos tornarmos prisioneiros.

S2: As grades representam uma prisão

Evidencia-se, nos enunciados acima, a indignação com a violência e a insegurança em que se encontram os cidadãos, os quais se tornaram prisioneiros, enquanto muitos criminosos estão livres e impunes.

E1: Me abrace e me dê um beijo,

E2: Faça um filho comigo!

E3: Mas não me deixe sentar na poltrona

E4: No dia de domingo, domingo!



Pp1: O falante quer ser abraçado e beijado;

Pp2: O falante quer um filho

Pp3: O falante não deseja ficar sentado na poltrona no domingo.

S1: O falante pede carinho, afeto e atenção.

S2: O falante não quer deixar sua vida passar, sentado nos domingos, em frente à televisão;

Percebe-se que o autor ou falante critica o comodismo da sociedade diante situação econômica, política e social do país. Ele afirma que as pessoas anseiam pelo fim da violência, entretanto não tomam atitudes para buscar a paz. De certa forma, trata-se de uma forma de clamar para que a sociedade reaja, tome atitudes, solte a voz e não fique acomodado no sofá, assistindo televisão e vendo a vida passar.

Por fim, pode-se considerar o quinto trecho e seus implícitos:

E1 Procurando novas drogas de aluguel

E2 Neste vídeo coagido...

E3 É pela paz que eu não quero seguir admitindo

Pp1: O falante já havia procurado, antes, drogas de aluguel

Pp2: O falante está procurando novamente por drogas de aluguel

Pp3: Existem drogas de aluguel em um vídeo coagido

Pp4: Existe um vídeo coagido;

Pp5: O falante não admite, devido à paz.

S1: O falante segue procurando pelos problemas na sociedade que são chamados de drogas de aluguel;

S2: O falante vê os problemas através da televisão ou vídeos;

S3: O falante vê os problemas por vídeos, mas finge não ver, não os admite, pois quer paz e não sentir medo.

Quando se analisa a letra como um todo, observa-se que, muitas vezes, o sossego do cidadão brasileiro só se dá quando ele silencia, quando não fala dos problemas que vê. É silenciado pelo governo, pelos bandidos e, várias vezes, é obrigado a viver preso, cercado de grades na sua própria casa, chegando a um



ponto em que pede socorro, pede afeto, pois não quer ver a sua vida passar, não quer ver todos os problemas existentes na sociedade pela televisão, pois sabe que não pode se pronunciar. Ao fim de tudo, percebe que em busca da paz, não admite e não age perante a sociedade em que vive.

Entretanto, ao longo das análises feitas em ambas as letras de música, percebeu-se que, cada vez mais, confirma-se o fato de não se poder usar a fala do modo como se pretende, não é permitido dizer o que se quer, assim como na música dois.

Essa constatação vem ao encontro da concepção de Zandwais (1990, p.12), ao afirmar que, ao implicitar ideias, pensamentos ou desejos, isenta-se de qualquer responsabilidade sobre o conteúdo da fala.

Conclusão/Considerações Finais

Ao encerrar o trabalho, pôde-se compreender a relevância do uso dos implícitos no estudo da língua. As informações implícitas, quando utilizadas, podem ser consideradas um meio muito eficaz de dizer ou escrever algo, sem resultar em algum tipo de comprometimento, por parte do falante.

Isso acontece porque, muitas vezes, devido à divergência de ideias sobre determinado assunto ou a existência de críticas direcionadas a alguém, não é possível dizer exatamente o que se tem em mente, já que, na prática, não somos considerados donos de nossa palavra.

No entanto, o longo do trabalho, foi possível verificar que as músicas são ricas fontes de implícitos, pois nelas, os pressupostos e subentendidos sobressaltam-se, trecho a trecho.

As letras das duas músicas revelam uma crítica social e fazem referência aos problemas que a sociedade atual enfrenta, como a violência e a desigualdade social. Isso fica claro, por exemplo, na música "Meu mundo é o barro", segundo a qual os pobres são marginalizados e ninguém dá valor a eles. Mas mesmo assim, eles são mostrados como batalhadores, pessoas que, apesar do descaso da sociedade, buscam forças para continuar vivendo através da fé.

"A minha alma (a paz que eu não quero)" transmite uma indignação com a violência e as injustiças tão presentes na sociedade. Essa violência chegou ao



ponto, segundo o texto, de transformar o cidadão num prisioneiro em sua própria casa, ou seja, enquanto esse cidadão busca segurança atrás das grades, os verdadeiros criminosos estão livres e impunes.

Percebe-se que há severa crítica às pessoas que se calam diante da realidade social. O participante do discurso afirma que sua alma está armada e apontada para aqueles que se calam e se acomodam, e os considera não como indivíduos que têm paz, mas que têm medo.

Referências

FRANÇA José Marcos de. **Os implícitos no ensino da leitura**: pressupostos e subentendidos. Interdisciplinar. v.16, p. 61-75. Jul-dez de 2012

SOLÉ, Isabel. **Estratégias de leitura**. 6. ed. Porto Alegre: Artmed, 1998.

ZANDWAIS, Ana. **Estratégias de leitura**: como decodificar sentidos não-literais na linguagem verbal. Porto Alegre. Sagra, 1990.